Editorial&Opinião

Editorial Na região atingida pelas tempestades, há solidão mas também esperança. Ela tem nome e responsáveis

A segunda oportunidade

Passam agora 100 dias daquele dia trágico, quando a presidente da Junta de Freguesia de Milagres, em Leiria, foi chamada à primeira reunião que queria avaliar os muitos danos da tempestade "Kristin" no concelho. Eram seis da tarde e, numa estrada plena de destruição, Vânia Sousa ligou o rádio, o único modo de comunicação que se mantinha de pé. Para sua surpresa, o noticiário só falava do Benfica e do jogo da Liga dos Campeões. O sentimento de abandono ficou-lhe até hoje: a destruição era imensa, mas a região estava entregue a si própria.

Vânia Sousa, porém, não baixou os braços. Ela e a sua equipa, os seus amigos, que andaram porta a porta. Durante semanas foi perguntar por cada um; distribuiu apoios e a ajuda no terreno de centenas de voluntários; encontrou uma solidariedade que parecia de outros tempos; descobriu casos de quase abandono que nunca lhe passaria pela cabeça existirem; recorreu ao presidente da Câmara de Leiria, que nunca lhe negou tempo nem apoios. Vânia Sousa e Gonçalo Lopes não são caso único, representam um conjunto de autarcas que provaram como, quando tudo arde (ou o vento leva), temos ainda no poder local uma âncora. São eles que apoiam na recuperação, que alojam quem precisa, que abraçam quando é mais necessário.

Em "Cem Anos de Solidão", Gabriel García Márquez descreve um século da história de uma cidade, apresentando-a como metáfora da solidão da América Latina pós-colonial: países já independentes, mas deixados à sua sorte, presos em ciclos de violência, exploração e esquecimento — "sem segunda oportunidade na terra", como escreve o Nobel. Nestes nossos 100 dias de solidão, porém, onde há também tragédias e uma sensação de abandono, sobra o valor humano dos autarcas, tantas vezes esquecidos. É por eles que há ali "uma segunda oportunidade na terra" — e esse é um serviço inestimável a todos nós, país fora. A todos e a cada um deles, o nosso obrigado!

A Democracia abriu-nos a porta da Europa; a Europa ajudou-nos a consolidar a Democracia

O Dia da Europa é um Dia de Portugal

Carlos Coelho

Este ano, no dia 9 de maio não evocamos apenas o Dia da Europa. Celebramos 40 anos de participação de Portugal no projeto europeu: 40 anos de sucessos, de progresso e de desenvolvimento.

E ao celebrar, também, os 50 anos da Lei Fundamental, importa recordar a importância da nossa Constituição neste caminho. A Constituição permitiu a Portugal entrar numa Europa democrática: a consagração do Estado de Direito Democrático foi essencial à nossa adesão, tal como as sucessivas alterações para acolhermos o Direito Europeu.

A entrada nas Comunidades Europeias não foi apenas uma decisão de política externa ou uma oportunidade económica. Foi o reencontro de um país livre com o espaço político, cultural e civilizacional a que sempre pertenceu. A Democracia abriu-nos a porta da Europa; a Europa ajudou-nos a consolidar a Democracia. Modernizámos infraestruturas, qualificámos recursos humanos, internacionalizámos a economia e alargámos horizontes às novas gerações. Mas ganhámos mais do que desenvolvimento: ganhámos escala, exigência e confiança.

Celebrar esta data, porém, não pode ser apenas olhar para o passado. A Europa de hoje enfrenta uma guerra nas nossas fronteiras, a erosão do multilateralismo, a pressão sobre a nossa competitividade, a fragmentação do espaço público e o crescimento de radicalismos que exploram medos e simplificam respostas. Temos de fazer desta data uma oportunidade para renovar o compromisso europeu de Portugal.

Há, aliás, um paradoxo que importa compreender: enquanto os populismos do ruído ganham visibilidade, os cidadãos continuam a confiar e a esperar mais da Europa. Não pedem menos integração; pedem mais eficácia. Não rejeitam a União; exigem que ela decida melhor e mais depressa e esteja mais presente na sua vida. O problema europeu não é excesso de ambição. É, muitas vezes, défice de execução.

A Declaração de Lisboa, assinada no 40º aniversário do Tratado de Adesão, tem esse mérito: agradece o contributo decisivo da União para o desenvolvimento de Portugal, mas reafirma também o compromisso português com o aprofundamento da integração europeia, com a defesa dos seus valores e com a construção de uma União mais segura, justa, inovadora e próspera.

É este o ponto essencial: a Europa não é um episódio da nossa História, nem um mero projeto institucional. É uma dimensão da nossa identidade e uma condição da nossa capacidade de nos projetar no Mundo. Por isso, Portugal não deve olhar para a União como um beneficiário líquido resignado, mas como participante ativo, exigente e ambicioso. Um contribuinte de valor, ideias e ambição. Precisamos de mais Europa onde só a Europa pode responder: na segurança e defesa, na competitividade, na inovação, na coesão e na afirmação internacional.

Portugal soube, em 1985 e 1986, escolher o lado certo da História. Quarenta anos depois, o dever é o mesmo: não hesitar, não encolher, não desistir da Europa

Mas precisamos também de uma Europa mais próxima dos cidadãos. A Europa não pode ficar confinada às cimeiras, aos regulamentos ou à linguagem técnica da burocracia. Tem de ser vivida nas escolas, nas autarquias, nas empresas e no debate público. Tem de ser melhor explicada, apropriada democraticamente e sentida como projeto de cidadania.

Celebrar o Dia da Europa e os 40 anos da adesão é, por isso, mais do que homenagear uma escolha certa do passado. É renovar uma responsabilidade perante o futuro. Portugal soube, em 1985 e 1986, escolher o lado certo da História. Quarenta anos depois, o dever é o mesmo: não hesitar, não encolher, não desistir da Europa.

Porque desistir da Europa seria desistir de uma parte essencial de Portugal.

FOTO YVES HERMAN/REUTERS

Comissário nacional para as Comemorações do 40º Aniversário de Portugal na UE e presidente da Nossa Europa

LEIA TAMBÉM EM EXPRESSO.PT

Trás-os-Montes, próximo Ormuz?
EDUARDO TAVARES

Envelhecer com direitos
JOANA MOREIRA

O ano perdido de Merz
MIGUEL BAUMGARTNER

UMA VELHA À JANELA

Sérgio Sousa Pinto
politica@expresso.impresa.pt

A excecionalidade e tragédia dos tempos que vivemos resultam desproporcionadamente da lastimável contribuição pessoal de um homem, Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos da América. Mas é improvável que a personagem que ocupa a boca de cena seja mais determinante no curso dos acontecimentos do que o cenário de fundo, o momento histórico, as grandes condicionantes, nas quais o protagonista principal opera e se agita.

Os erros de Trump têm acelerado a emergência de um mundo novo, caracterizado pela emergência dolorosa de um novo equilíbrio internacional e pelo advento de uma multipolaridade real, ou por um novo bilateralismo americano-chinês. Nada disto é criação de Trump e do seu séquito de sicofantas em Washington. A História corre para diante, em ritmo acelerado, precipitando um futuro que chega mais depressa do que antecipávamos, com a constituição de um condomínio global partilhado entre duas grandes potências.

Na era da interdependência económica e tecnológica, é difícil conceber a possibilidade de termos esferas de influência bem delimitadas, ao estilo da Guerra Fria. Também não há razões para imaginar como inevitável a reconstituição do ambiente de tensão e conflito que marcou esse período. A nova centralidade da Ásia e a afirmação da China podem e devem ser acomodadas sem confronto. O declínio relativo dos Estados Unidos é, potencialmente, o principal fator desestabilizador da paz, na transição para esse mundo novo, em avançado estado de gestação.

Trump acelerou o desmantelamento da ordem criada no pós-guerra, que prescreve a proibição das guerras de agressão e a inviolabilidade das fronteiras pela força; a sua simpatia pelos autocratas e líderes fortes é coerente com a sua política comercial, feita de ameaças e extorsão, com o bombardeamento e bloqueio do Irão ou com o propósito delirante de integrar a Gronelândia nos EUA, como se fosse o Wyoming. Trump considera o direito internacional um travão à afirmação crua do interesse americano, cuja legitimidade repousa no poderio económico e militar.

Trump considera o direito internacional um travão à afirmação crua do interesse americano, cuja legitimidade repousa no poderio económico e militar

O quadro mental em que Trump se move não difere fundamentalmente do de Putin.

A Europa, degradada ao estatuto de uma espécie de Suíça do mundo, não tem força que dissuada, ou puna, as violações do direito internacional, que se converte numa espécie de referencial ético, sem capacidade normativa.

A humilhação infligida pelo Irão aos Estados Unidos expôs as limitações do poder americano. Onde está, então, o poder útil do ponto de vista da segurança regional e das petromonarquias indefesas? Se o Ocidente fracassar, sobra o compromisso com Teerão, ao jeito dos antigos sátrapas da Pérsia; tributo em troca de segurança e proteção.

Os Estados Unidos herdaram o mundo sem atritos de maior depois do suicídio europeu no século XX. Chegou a hora de o partilharem, sem guerras e sem vítimas.

O Ocidente tinha, melhor ou pior, convertido a comunidade das nações respeitáveis ao império do direito. O direito serviria para isolar e conter os maus atores internacionais, agora e quando o Ocidente deixasse de ser o umbigo do mundo. Mas na sôfrega disputa pela prevalência global, o Ocidente que parecia ter ainda dentes para morder, atirou o direito pela janela. Sem direito e, notoriamente, a perder os dentes, assistiremos, pasmados e impotentes, à construção de uma nova ordem, como uma velha à janela.

Expresso

Proprietária/Editora: IMPRESA PUBLISHING S.A.
Sede: Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos. NIPC: 501984046
Administração da IMPRESA PUBLISHING: Francisco Pedro Balsemão, Ricardo Costa, Teresa Gonçalves e Ana Sengo da Costa
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 100.000 euros, 100% propriedade da Impresa – SGPS, SA, NIPC 502437464
Registo da publicação na ERC: 101.101 ISSN-0870-1970

Diretor
João Vieira Pereira

Diretores-Adjuntos
David Dinis
Miguel Cadete
Paula Santos

Diretor de Arte
Marco Grieco

Subdiretora de Áudio
Joana Beleza

Grande Repórter
Micael Pereira

Editores Executivos
João Silvestre
Mariana Adam

Editores
Diogo Pombo (Desporto), Eunice Lourenço (Política), João Carlos Santos (Fotografia), João Pedro Barros (Online), Miguel Prado (Economia), Pedro Cordeiro (Internacional), Pedro Lima (Editor-adjunto Economia), Ricardo Marques (Revista E) e Rita Ferreira (Sociedade)

Coordenadores Gerais de Arte
Jaime Figueiredo (Infografia) Mário Henriques (Desenho)

Coordenadores
Elisabete Miranda (Economia), Hélder Gomes (Internacional), Isabel Leiria (Sociedade), João Miguel Salvador (Online), Lia Pereira (Revista E), Lídia Paralta Gomes (Desporto), Liliana Valente (Política), Mafalda Ganhão (Online), Margarida Cardoso (Porto), Marta Gonçalves (Multimédia), Pedro Miguel Coelho (Redes Sociais), Rita Costa (Online), Rui Tentugal (Fecho), Tiago Pereira Santos (Desenho Multimédia) e Vítor Andrade (Economia)

Redação, Administração e Serviços Comerciais
Rua Calvet de Magalhães, 242
2770-022 Paço de Arcos
Tel. 214 544 000
ipublishing@impresa.pt

Arquivo
arquivo@impresa.pt

Delegação Norte
Rua Conselheiro Costa Braga, 502, 4450-102 Matosinhos
Tel. 220 437 000

Publicidade
Miguel Pacheco (diretor), João Paulo Luz (diretor de receitas digitais), Carlos Lopes (diretor coordenador), Ângela Almeida (diretora da Delegação Norte), Hugo Rodrigues (diretor publicidade), Miguel Teixeira Diniz e Sérgio Alves (gestores de conta), Marta Teixeira e Helena Almeida (gestores de conta da Delegação Norte)
Tel. 214 544 073
ou 214 698 798

Publicidade Online
publicidadeonline@impresa.pt

Tiragem média de abril: **46.175 exemplares**
Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem
apct
Associação Portuguesa de Imprensa

VISAPRESS
Direitos de Autor Protegidos

Subscrições Expresso em papel
4 semanas: 19,00€
12 semanas: 54,00€
26 semanas: 108,00€
Ligue 214 698 801
ou para apoio.cliente.ip@impresa.pt
Dias úteis: 9h às 18h / Sábados: 9h às 14h

ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM
expresso.pt/sobre/estatuto-editorial

Marketing e Comunicação
Mónica Serrano (diretora), Ana Paula Baltazar (coordenadora de marcas de informação) e Carla Martins (coordenadora de comunicação para relações externas)

Direção de Produção, Circulação, Distribuição e Arquivo Publishing
Pedro Miguel Fernandes (diretor), João Paulo Font (coordenador produção); João Braz (responsável circulação e distribuição); Carlos Morais (produtor)

Apoio ao Assinante
Rita Silva (responsável pelo serviço de apoio ao cliente) Tel. 214 698 801 (dias úteis, das 9h às 19h); *e-mail:* apoio.cliente.ip@impresa.pt

Atendimento Ponto de Venda
pontodevenda.ip@impresa.pt

Impressão
Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, nº 50, Morelena 2715-029 Pêro Pinheiro; Rotocobrhi, SA, Ronda de Valdecarrizo, 13 28760 Tres Cantos, Madrid

Distribuição
VASP Distribuição e Logística, SA, Media Logistics Park, Quinta do Grajal, Venda Seca 2735-511 Agualva Cacém
Tel. 214 337 000

A Impresa Publishing não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias.